

[Voltar para
HomePage](#)

[Assine esta página](#)



Índices de artigos:

[Por Data](#)
[Por Temas](#)
[Pesquisar](#)

[[Artigo anterior](#) | [Próximo artigo](#)]

Publicado em: 30/03/2002

Perspectivas da mandioca na região semi-árida do Nordeste (30/03/2002)

Josias Cavalcanti

A mandioca é uma planta tolerante à seca e a solos de baixa fertilidade, de origem brasileira e tradicionalmente cultivada em todo o país. O Brasil já foi o primeiro produtor mundial. Hoje, é o segundo. A produção brasileira atingiu o máximo de 30 milhões de toneladas no início da década de 70, se estabilizou em torno de 24 milhões de toneladas no período de 1972 a 1987 e atingiu o mínimo de cerca de 20 milhões de toneladas em 2000.

A redução da área cultivada com mandioca no país tem ocorrido frequentemente nos últimos 30 anos e em maior nível no Nordeste. Nos últimos anos, a cultura tem se expandido apenas em Mato Grosso do Sul em virtude da instalação de grandes indústrias produtoras de fécula. O Nordeste é a maior região produtora e no semi-árido nordestino seu cultivo se concentra no agreste, zona intermediária entre o litoral e o sertão.

O Nordeste também é a maior região consumidora de farinha de mesa e, frequentemente, importa o produto de São Paulo e Paraná devido a eventual redução de produção provocada por irregularidade climática e ou devido a menores preços da farinha nos referidos estados. Nas regiões mais secas do semi-árido (sertões), o escasso, único e irregular período chuvoso não permite a oferta de matéria-prima de qualidade e por longo período para permitir um baixo custo operacional de indústrias modernas. Conseqüentemente essa região não oferece condições para competir com as farinhas produzidas naqueles estados. Além disso, a farinha é considerado um produto inelástico, cujo consumo não aumenta com o aumento de renda da população e apresenta tendência de redução de consumo com o aumento da urbanização, tudo isso agravado pelo preconceito de que a farinha é um produto consumido por pobres. Pela mesma razão, a indústria de fécula teria a mesma limitação agravada pela necessidade de grande quantidade de água de boa qualidade, nem sempre disponível na área mais seca do semi-árido. As grandes indústrias de mandioca (farinha e fécula) apresentam, também, o inconveniente de serem grandes poluidoras do meio ambiente.

Os fatos sugerem que para a produção de farinhas, os tipos especiais ou artesanais continuam sendo uma boa opção, pois não sofrem a concorrência das grandes indústrias de farinha do sul do país e podem ser produzidas em unidades simples de processamento e alcançam preços compensadores. Nas áreas onde existe água abundante e de boa qualidade, a produção de polvilho também apresenta boas possibilidades de sucesso, principalmente quando é transformado em vários produtos de uso direto e apreciado pela população, como cambraias, beijús, etc.

A mandioca ainda pode ser transformada em raspas, que são as raízes picadas e secas. É processo de conservação simples e baseado na desidratação das raízes frescas que são altamente perecíveis. Quando processada em condições higiênicas, podem ser destinadas para alimentação humana.

No Brasil, a farinha das raspas foi produzida no período de 1940 a 1970 e utilizada em 15 % da farinha de trigo panificável. A produção foi encerrada devido aos fortes subsídios internos e externos ao trigo. Atualmente, com a redução dos subsídios ao trigo, há uma tendência de substituição do trigo por fécula de mandioca, que tecnicamente pode ser de até 20 % na produção de pães tradicionais e de até 25 % nos pães para hambúrguer e encontra-se em tramitação um de projeto de lei prevendo a adição de 10 % de fécula de mandioca na farinha de trigo destinada a fabricação de pães.

A menor exigência de qualidade sanitária das raspas destinadas à alimentação animal permitiu que o processo fosse ainda mais simplificado, utilizando-se a secagem ao sol em terreiro cimentado. A Tailândia

a usa em larga escala. Este país é o maior exportador de pellets de raspa de mandioca para o Mercado Comum Europeu, onde são utilizados na formulação de rações. O processo não polui o meio ambiente, pois não há produção de manipueira e consome energia apenas para a trituração das raízes, pois a secagem é realizada ao sol.

O Nordeste utilizava em 1987 apenas 3% da produção de raízes de mandioca para alimentação animal, principalmente sob a forma fresca de raízes e/ou parte aérea picadas manualmente ou em máquinas forrageiras. Posteriormente, seu emprego tem sido aumentado com a utilização da mandioca integral ou de suas partes sob a forma de silagem, farelo da parte aérea e raspa das raízes.

A produção de raspa no Nordeste foi estimulada por meio de um projeto de desenvolvimento da cultura conduzido no período de 1989 a 1992 no Ceará, que concentrou esforços em ajudar as comunidades a se organizarem em torno da agroindústria de raspa de mandioca, cuja produção tem sido suficiente apenas para os pecuaristas. A expansão da produção das raspa tem ocorrido em pequena escala em todo o Nordeste, apesar de apresentar as melhores possibilidades de sucesso na região semi-árida sem disponibilidade de água para irrigação devido à vocação natural da região para a produção animal que implica na necessidade de ração complementar e as dificuldades para a produção do milho devido aos riscos climáticos.

As raízes da mandioca possuem valor energético semelhante ao milho. A parte aérea tem valor protéico semelhante aos das melhores forrageiras. O baixo valor protéico das raízes pode ser corrigido com a adição de 2% de uréia quando as raspa são destinadas aos ruminantes. Nesta categoria estão enquadrados os principais animais criados na região (caprinos, ovinos e bovinos). A parte aérea, ainda pouco utilizada, deverá ser manejada para permitir uma maior percentagem de folhas no momento da colheita e um processamento em máquinas forrageiras que preserve o valor nutritivo e reduza a toxicidade e os taninos.

A mandioca também pode ser considerada uma reserva estratégica de alimento para homens e animais em anos de seca severa, que ocorrem eventualmente na região. Algumas das cultivares primitivas, como as Manipebas, são perenes e altamente resistentes à seca e cuja manipueira é altamente tóxica e pode ser utilizada para o controle de algumas pragas e doenças de plantas.

Além da exploração quase exclusiva da mandioca para a produção de farinha de mesa, a deficiência de material de plantio em quantidade e qualidade devido à ocorrência de secas severas na região tem contribuído para a redução da área cultivada com a cultura.

Em virtude da baixa taxa de propagação da cultura e da irregularidade climática da região, a produção de manivas-sementes deve ser realizada em nível de comunidade, com apoio de programas governamentais que forneçam orientação técnica e sementes básicas de cultivares superiores e livres de pragas e doenças. Vários projetos com esse objetivo em países africanos, financiados por instituições internacionais, contribuíram significativamente para o aumento da área cultivada com mandioca.

Josias Cavalcanti é pesquisador Embrapa Semi-Árido (Petrolina-PE)

Copyright © 2000, Embrapa